O verdadeiro caráter da questão social, captado da vida humana moderna

Porventura o movimento social moderno, emergido da catástrofe bélica mundial, não surgiu em virtude de fatos que demonstram quão limitados eram os pensamentos com os quais se acreditou, durante décadas, compreender as aspirações proletárias?

Tudo o que atualmente aflora à superfície da vida social, oriundo das reivindicações proletárias anteriormente reprimidas e suas derivações, demanda a formulação dessa pergunta. Os poderes que causaram a repressão estão parcialmente aniquilados. Só pode querer manter a posição que esses poderes adotaram, em relação aos impulsos sociais de grande parte da humanidade, quem desconhece inteiramente a indestrutibilidade de tais impulsos da natureza humana.

Algumas personalidades, cuja posição lhes permitiu influenciar seja mediante declarações ou conselhos, seja obstruindo ou incentivando as forças que na Europa conduziram à catástrofe da guerra de 1914, incorreram em grandes ilusões quanto a esses impulsos. Elas puderam acreditar que uma vitória armada de seu país acalmaria os levantes sociais. Tais personalidades tiveram de reconhecer que os impulsos sociais só puderam manifestar-se plenamente em decorrência de sua atitude. De fato, a presente catástrofe que afeta a humanidade se evidencia como o evento histórico por meio do qual esses impulsos atingiram seu pleno impacto. Nestes últimos e penosos anos, as personalidades e classes dirigentes sempre tiveram de adaptar seu comportamento àquilo que vibrava nos círculos de orientação socialista. Muitas vezes elas teriam preferido agir de outra forma, caso tivessem podido desconsiderar o estado de ânimo desses círculos. Os efeitos desse estado de ânimo seguem atuando na configuração que esses acontecimentos assumiram atualmente.

E agora que foi alcançado um estágio decisivo por algo que, durante décadas, foi ingressando de modo preparatório no desenvolvimento da humanidade, eis um trágico destino: os pensamentos surgidos da evolução dos fatos não se mostram à altura destes. Muitas personalidades que elaboraram seus pensamentos com base nessa evolução, com o objetivo de servir à meta social existente nela, pouco ou nada podem fazer, hoje, com relação às questões vitais demandadas pelos fatos.

É bem verdade que algumas dessas pessoas ainda creem que as medidas julgadas há muito tempo por elas como necessárias à reestruturação da vida social se concretizarão, vindo a mostrar-se suficientemente poderosas para imprimir aos fatos prementes uma direção viável. Deixando-se de lado a opinião daqueles que, mesmo agora, presumem que as velhas formas deveriam prevalecer diante das novas exigências de grande parte da humanidade, e focalizando-se apenas a vontade dos que estão convencidos da necessidade de uma reestruturação da vida, não se poderá deixar de concluir o seguinte: entre nós vagueiam tanto opiniões partidárias quanto julgamentos mumificados que são repelidos pela evolução dos fatos. Estes fatos exigem decisões para as quais os julgamentos dos velhos partidos não estão preparados. É bem verdade que esses partidos evoluíram com os acontecimentos, mas em

seus hábitos mentais ficaram atrasados em relação a estes. Talvez não estejamos necessariamente sendo imodestos, diante das opiniões predominantes ainda hoje, ao acreditar que as indicações acima possam ser deduzidas do curso dos acontecimentos atuais. Deles se pode concluir que justamente esta atualidade deveria ser receptiva a uma tentativa de caracterizar, na vida social da humanidade moderna, aquilo que por sua própria natureza não se coaduna com os hábitos de raciocínio das personalidades e partidos de orientação social; pois bem poderia ser que o elemento trágico manifesto nas tentativas de solução da questão social tivesse suas raízes justamente num mal-entendido quanto às verdadeiras aspirações proletárias num mal-entendido até mesmo por parte daqueles que desenvolveram suas opiniões com base nessas aspirações, pois nem sempre o ser humano julga corretamente seu próprio querer.

Portanto, pode parecer justificado formular as seguintes perguntas: O que o movimento proletário moderno quer, na realidade? Acaso seu querer corresponde ao que os proletários e não proletários pensam habitualmente sobre esse querer? Será que o verdadeiro caráter da 'questão social' se revela naquilo que muitos pensam a seu respeito? Ou será que é necessário pensar numa direção totalmente diversa? Estas perguntas não poderão ser abordadas de modo isento por quem não teve a oportunidade de familiarizar-se, por circunstâncias de vida, com a alma do moderno proletariado; principalmente com aquela parte do proletariado que mais participou da configuração assumida pelo movimento social da atualidade.

Muito se falou sobre o desenvolvimento da técnica e do capitalismo modernos. Pesquisou-se a formação do proletariado atual no contexto desse desenvolvimento, e o modo como as condições da vida econômica moderna o fizeram chegar às suas reivindicações. Em todas as observações feitas neste sentido há muito acerto; com isso, porém, deixa-se de tocar em algo decisivo, do qual poderá certificar-se quem não se deixar hipnotizar pela opinião de que as condições externas imprimem ao homem sua conduta de vida. Esse algo se revela a quem conservou uma visão imparcial dos impulsos anímicos que atuam das profundezas. É certo que as reivindicações proletárias se desenvolveram na era da técnica e do capitalismo modernos; porém o discernimento deste fato ainda não fornece esclarecimento algum sobre os impulsos puramente humanos que residem nessas reivindicações. Enquanto não se penetrar na vida desses impulsos, tampouco se alcançará o verdadeiro caráter da 'questão social'.

Uma expressão frequentemente empregada no meio proletário pode causar uma forte impressão em quem é capaz de compreender os impulsos mais profundos do querer humano. É a seguinte: "O proletário moderno adquiriu consciência de classe." Este já não segue como que instintiva e inconscientemente os impulsos das classes alheias; ele sabe que é participante de uma classe específica, e está disposto a promover uma relação entre essa classe e as demais na vida pública, da maneira que melhor corresponda a seus interesses. Quem for capaz de compreender profundezas anímicas indicará, com a expressão 'consciência de classe' no sentido em que é empregada no proletariado moderno, os mais

importantes fatos na concepção social de vida das classes trabalhadoras situadas no contexto da técnica e do capitalismo modernos. Essa pessoa deve, antes de tudo, atentar para como as doutrinas científicas sobre a vida econômica e sua relação com os destinos humanos invadiram de maneira empolgante a alma do proletário. Com isto tocamos num ponto a cujo respeito muitas pessoas que só conseguem pensar sobre, e não com o proletariado, formaram juízos inteiramente nebulosos e, face aos graves acontecimentos da atualidade, prejudiciais. Com a opinião de que o marxismo e sua continuação por intermédio de escritores proletários teriam virado a cabeça do proletário 'inculto', e com tudo o mais que se pode ouvir neste sentido, não se chega, na atualidade, a um necessário entendimento da situação histórica mundial pois ao emitir tal opinião se demonstra apenas a inexistência de um interesse pelo que é essencial no movimento social contemporâneo; e esse elemento essencial é o preenchimento da consciência classista do proletariado com conceitos cujo caráter foi extraído do mais recente desenvolvimento científico. Nessa consciência continua atuando, como disposição, o que atuou no discurso de Lasalle sobre 'A ciência e os trabalhadores'. Essas coisas podem parecer insignificantes para alguns que se consideram 'pessoas experientes'; mas quem deseja adquirir um discernimento realmente frutífero do movimento operário atual deve atentar a estes fatos. Naquilo que os proletários moderados e radicais exigem hoje não reside, como muitos imaginam, a vida econômica transformada em impulsos humanos, e sim a ciência econômica, pela qual a consciência do proletariado foi capturada. Na literatura científica e naquela popularizada pelo jornalismo do movimento proletário, lato fica bem evidente. Negá-lo significa fechar os olhos diante dos fatos reais; e um fato fundamental e condicionante da situação social atual é que o proletário moderno deixa que o conteúdo de sua consciência de classe seja determinado por conceitos elaborados cientificamente. Por mais que um operador de máquina esteja distanciado da 'ciência', ele ouve os esclarecimentos sobre sua situação dadas por aqueles que receberam dessa 'ciência' os meios para fazê-lo.

Todas as discussões sobre a vida econômica mais recente, a era das máquinas, o capitalismo, podem evidenciar claramente fundamentos factuais do movimento proletário moderno; mas o esclarecimento decisivo sobre a situação social atual não advém diretamente do fato de o trabalhador ter sido colocado junto máquina, de ele ter sido atrelado às condições da ordem capitalista. O esclarecimento advém do outro fato o de que pensamentos bem determinados se formaram em sua consciência de classe junto à máquina e na dependência da ordem econômica capitalista. Poderia ser que os atuais hábitos de raciocínio impedissem algumas pessoas de reconhecer inteiramente a relevância desses fatos, ensejando-lhes ver neles apenas um jogo dialético com conceitos. Diante disso, deve ser dito: tanto pior para as perspectivas de uma próspera situação, na vida social da atualidade, entre os inaptos para focalizar o essencial. Quem quer entender o movimento proletário deve, em primeiro lugar, saber como o proletário pensa; pois o movimento proletário desde seus moderados anseios de reforma até suas proliferações mais devastadoras não é produzido por 'forças alheias ao homem' nem por 'impulsos econômicos', e sim por pessoas por suas ideias e impulsos volitivos.

Não é naquilo que as máquinas e o capitalismo implantaram na consciência proletária que residem as ideias e forças volitivas determinantes do movimento social atual. Este movimento social buscou sua fonte ideológica na nova direção da ciência, pois nem a máquina e nem o capitalismo podiam preencher sua alma com conteúdos dignos de um ser humano. Um artesão medieval recebia esse conteúdo de sua própria profissão. A maneira como esse artesão se sentia humanamente vinculado à sua profissão dava-lhe a sensação de que a vida no conjunto da sociedade humana era algo digno de ser vivido. Ele conseguia ver sua ocupação de modo a acreditar que, por intermédio dela, realizava-se o que ele almejava ser como 'pessoa'. Junto à máquina e inserido na ordem capitalista, o homem se viu só consigo mesmo e com seu íntimo ao procurar um fundamento que lhe oferecesse à consciência um suporte conceitual sobre o que alguém é como 'pessoa'. A técnica e o capitalismo nada ofereciam para essa concepção. Foi então que a consciência proletária se voltou para o pensamento científico. Ela havia perdido o vínculo humano com a vida imediata. Isto, porém, ocorreu na época em que as classes dirigentes da humanidade rumavam para uma mentalidade científica que já não possuía o impacto espiritual para conduzir de modo abrangente a consciência humana, de acordo com as necessidades desta, para um conteúdo satisfatório. As antigas cosmovisões colocavam o homem, enquanto alma, num contexto espiritual de existência. Diante da ciência recente ele aparece como um ser natural, dentro de uma ordem meramente natural. Essa ciência não é sentida como uma corrente fluindo do mundo espiritual para a alma humana, dando suporte a ela. Não importa o que se pense sobre a relação entre os impulsos religiosos, com suas pertinências, e a mentalidade científica da época moderna: ao se observar imparcialmente o desenvolvimento histórico, é preciso reconhecer que o modo científico de pensar se desenvolveu do religioso. Porém as cosmovisões antigas, baseadas em fundamentos religiosos, não conseguiram transmitir à mentalidade científica seus impulsos sustentadores da vida anímica humana. Elas se situaram fora dessa mentalidade e continuaram existindo com um conteúdo de consciência que não podia voltar-se para a alma do proletariado. Para as classes dirigentes, esse conteúdo de consciência ainda podia ser algo de valor, pois de uma ou outra forma estava relacionado com sua situação de vida. Essas classes não buscavam um novo conteúdo de consciência, porque a própria tradição através da vida ainda as levava a apegar-se aos antigos. O proletário moderno foi arrancado de todos e quaisquer contextos existenciais antigos. Ele é o ser humano cuja vida foi colocada sobre bases totalmente novas. Com o desaparecimento dos antigos fundamentos de vida, também desapareceu para ele a possibilidade de haurir das antigas fontes espirituais. Elas se encontravam em meio aos âmbitos aos quais ele se havia tornado estranho. Com a técnica e o capitalismo modernos se desenvolveu, simultaneamente (no sentido em que se pode chamar de simultâneas as grandes correntes históricas), o moderno cientificismo. Foi para ele que se voltou a confiança e a crença do proletariado. Foi nele que este buscou o novo conteúdo de consciência de que necessitava. Porém ele estava em outra relação com esse cientificismo do que as classes dirigentes. Estas não sentiram necessidade de fazer da mentalidade científica sua concepção existencial sustentadora da alma. Por mais que se impregnassem com a 'mentalidade científica' segundo a qual, na ordem

da natureza, uma relação causal conduz do animal inferior ao homem, essa mentalidade continuou sendo uma convicção teórica. Ela não engendrou o impulso para orientar a vida de acordo com essa convicção. Vogt, o naturalista, e Büchner, o popularizador das ciências naturais, certamente estavam compenetrados da mentalidade científica moderna; mas, ao lado dessa mentalidade, atuava em sua alma algo que lhes permitia apegar-se a um contexto de vida só justifica que ele talvez não possua. O instruído absorveu a ciência; ela está numa gaveta no interior de sua alma. Contudo, ele vive em determinado contexto existencial e se deixa orientar por suas sensações que não são conduzidas por essa ciência. Já o proletário é levado, por suas condições de vida, a conceber a existência de acordo com o modo de pensar dessa ciência. O que as demais classes consideram ter 'caráter científico' pode parecer-lhe estranho, mas é essa direção de ideias que orienta sua vida. Para as demais classes, é determinante um fundamento religioso, estético e espiritual em geral; para ele, a 'ciência', mesmo em suas mais extremas digressões de pensamento, constitui fé para a vida. Muitos membros das classes 'dirigentes' se sentem 'esclarecidos' e 'de religiosidade livre'. É certo que em suas ideias existe a convicção científica, mas em seus sentimentos pulsam ainda, inadvertidamente, os restos de uma crença tradicional.

O que a mentalidade científica não trouxe consigo da antiga ordem existencial é a consciência de que, por sua natureza espiritual, ela tem suas raízes num mundo espiritual. Foi esse caráter do cientificismo moderno que o membro das classes dirigentes pôde ignorar, pois para ele a vida se preenche com antigas tradições. O proletário não pôde fazer isso, pois sua nova situação de vida expulsou as antigas tradições de sua alma. Ele recebeu a mentalidade científica das classes dominantes como herança, que se tornou a base para sua consciência da natureza humana. Porém esse 'conteúdo espiritual em sua alma nada sabia de sua origem numa vida espiritual verdadeira. A única coisa que o proletário pôde receber das classes dominantes, como vida espiritual, negava sua origem no espírito.

Não desconheço a repercussão que terão estas ideias entre os que, proletários ou não, acreditam possuir 'experiência prática', e que, com base nessa crença, consideram estas exposições alheias à vida. Os fatos eloquentes da situação mundial atual evidenciarão cada vez mais a insensatez dessa crença. Quem observar imparcialmente esses fatos perceberá que uma concepção de vida presa somente ao lado exterior dos fatos só acaba tendo acesso a ideias totalmente divorciadas da realidade. Pensamentos dominantes se mantiveram ligados de modo 'prático' aos fatos até perderem toda e qualquer semelhança com eles. Neste sentido, a atual catástrofe mundial poderia ser um agente educativo para muitos; pois o que eles esperavam acontecer? E o que foi que aconteceu? Será que o mesmo acontecerá com o pensamento social?

Posso também imaginar a objeção que fará o adepto da concepção proletária de vida, do fundo de sua disposição de alma: "Eis mais um dos que gostariam de desviar o verdadeiro cerne da questão social para uma direção que parece cômoda ao pensador burguês. Esse adepto não enxerga como o destino lhe trouxe a vida proletária, e como ele procura movimentar-se dentro dessa vida por meio de uma mentalidade que lhe foi legada como

herança pelas classes 'dominantes'. Ele vive como proletário, mas pensa como burguês. A época moderna torna necessário encontrar não apenas uma nova vida, mas também novos pensamentos. A mentalidade científica só poderá tornar-se conteúdo sustentador da vida quando, a seu modo, desenvolver um ímpeto como o que as antigas concepções, a seu modo, desenvolveram.

Desta forma está traçado o caminho que leva à identificação do verdadeiro caráter de um dos componentes do movimento proletário mais moderno. No fim desse caminho ressoa, da alma proletária, a seguinte convicção: "Eu aspiro a uma vida espiritual. Ocorre que essa vida espiritual é ideologia, é apenas um reflexo dos processos mundiais externos no ser humano, e não flui de um mundo espiritual específico." O que restou da antiga vida espiritual, na passagem para a época moderna, a concepção proletária de vida o considera como ideologia. Quem pretende compreender, na alma proletária, a disposição anímica que se manifesta nas reivindicações sociais atuais, deve ser capaz de compreender o efeito da opinião de que a vida espiritual é ideologia. Pode-se objetar o seguinte: o que sabe o proletário mediano a respeito desta opinião que vagueia pelas cabeças dos líderes mais ou menos esclarecidos? Quem fala assim discursa à margem da vida, e também age em desacordo com a vida real. Ele ignora o que se passou na vida do proletário nos últimos decênios; desconhece a ligação existente entre a opinião de que a vida espiritual ideologia e as reivindicações e fatos dos socialistas radicais, por ele considerados apenas "ignorantes", e também as ações daqueles que, motivados por impulsos obscuros, "fazem revolução".

O elemento trágico que se sobrepõe à compreensão das reivindicações sociais da atualidade reside no fato de não haver, com muitos círculos, sensibilidade alguma pelo que se manifesta na superfície da vida emergindo da disposição anímica das amplas massas; e no fato de não se focalizar o que realmente se pas-80 nas almas humanas. O não proletário atenta temerosamente a reivindicações do proletário e conclui: "Para mim, só mediante a socialização dos meios de produção é que se pode alcançar uma existência humanamente digna." Porém ele é incapaz de ter ideia de que sua classe, durante a passagem de uma época antiga para a moderna, não só conclamou o proletário a trabalhar junto a meios de produção não pertencentes a este, como tampouco lhe soube dar, ao lado desse trabalho, um conteúdo anímico sustentador. As pessoas que se distanciam da realidade, no sentido exposto acima, poderiam dizer: "Mas o proletário quer simplesmente viver numa condição de vida igual à das classes dominantes; onde é que o conteúdo anímico exerce um papel?" Sim, o proletário pode até mesmo afirmar: "Eu não exijo das outras classes nada para minha alma; eu quero que elas não possam continuar a me explorar. Quero que cessem as diferenças de classe existentes agora." Contudo, tal discurso não atinge o cerne da questão social; ele nada desvenda a respeito do verdadeiro aspecto dessa questão pois uma consciência tal, nas almas das populações trabalhadoras, que tivesse herdado um conteúdo espiritual verdadeiro, iria lançar as reivindicações sociais de modo totalmente diverso do adotado pelo proletariado moderno, que na vida espiritual recebida só consegue ver ideologia. Esse proletariado está convencido do caráter ideológico da vida espiritual; porém essa convicção o torna cada vez

mais infeliz. E os efeitos dessa sua infelicidade anímica, que ele não conhece conscientemente, mas da qual padece de modo intenso, superam de longe, em seu significado para a situação social do presente, tudo o que por sua vez também constitui justificada reivindicação por melhora das condições exteriores de vida.

As classes dominantes não se reconhecem como causadoras da concepção de vida que, atualmente, se confrontam com ela no proletariado pronto a lutar. Não obstante, elas se tornaram essas causadoras por só terem podido transmitir a esse proletariado, em termos de sua vida espiritual, o que este deve sentir como ideologia.

Apesar dos naturais aparências, o que confere ao movimento social contemporâneo seu cunho principal não é o fato de se ansiar por mudanças nas condições de vida de uma classe, e sim a maneira como a reivindicação dessa mudança é transformada, de impulsos ideativos dessa classe, em realidade. Observem-se os fatos, de maneira imparcial, deste ponto de vista. Então se verá como as personalidades que querem manter seu pensar na direção dos impulsos proletários sorriem ao ouvir que, mediante esta ou aquela aspiração espiritual, pretende-se contribuir com algo para a solução da questão social. Elas zombam disso como sendo ideologia, como teoria obscura. Acham que do pensamento, da pura vida espiritual, nada poderá contribuir para as prementes questões sociais do presente. Contudo, uma observação mais profunda obriga a constatar como o verdadeiro nervo central, o verdadeiro impulso fundamental do movimento operário moderno, não reside naquilo sobre o qual o proletário de hoje fala, e sim em pensamentos.

Um exame mais preciso evidenciará, no sentido mais eminente, que o movimento proletário moderno é como talvez nenhum outro similar no mundo um movimento oriundo de pensamentos. Não digo isto meramente como um resultado de reflexões sobre o movimento social. Se me for permitido incluir aqui uma observação pessoal, é a seguinte: Durante vários anos eu lecionei numa escola para formação de trabalhadores proletários dos mais diversos ramos." Acredito ter conhecido, nesse período, aquilo que vibra e anseia na alma do operário moderno. A partir de então tive também oportunidade de acompanhar o fator atuante nos sindicatos das diversas profissões e ramos profissionais. Penso, pois, estar falando não somente do ponto de vista de ponderações teóricas, e sim do que acredito ter conquistado para mim como fruto de uma verdadeira experiência de vida.

Quem conhece - o que infelizmente é tão raro entre os intelectuais - o movimento operário moderno, no contexto em que dirigido por trabalhadores, sabe quão significativo é o fenômeno de certa direção de pensamento ter cativado, da maneira mais intensa, um grande número de pessoas. O que atualmente torna difícil assumir posição frente aos enigmas sociais é a tão reduzida possibilidade de compreensão mútua entre as classes. As classes burguesas têm hoje imensa dificuldade em inserir-se na alma do proletário, têm imensa dificuldade em entender como, inteligência ainda incipiente do proletariado, pôde encontrar acesso uma forma de pensamento - seja lá como se queira julgar seu conteúdo - tão altamente intelectualizada como a de Karl Marx.

Obviamente o sistema ideológico de Karl Marx pode ser aceito por uns e rejeitado por outros, talvez por razões igualmente convincentes; após a morte de Karl Marx e seu amigo Friedrich Engels, ele pôde ser revisado por pensadores que consideravam a vida social de um ponto de vista diferente do que esses líderes. Do conteúdo desse sistema ideológico eu não quero nem tratar; ele não me parece ser o elemento importante no movimento proletário moderno. O elemento importante me parece ser a existência de um fato: dentro do operariado atua, como o mais poderoso impulso, um sistema de ideias. Poder-se-ia expressar isso justamente da seguinte maneira: jamais um movimento prático, um puro movimento vital com as reivindicações mais cotidianas da humanidade, baseou-se quase que exclusivamente num fundamento puramente ideativo como esse movimento proletário moderno. De certo modo, ele é até mesmo o primeiro movimento desse tipo, no mundo, a basear-se exclusivamente num fundamento científico. Porém este fato deve ser considerado corretamente. Observando-se tudo o que o proletário moderno tem a dizer conscientemente a respeito do seu próprio opinar, querer e sentir, numa observação profunda da vida a declaração programática não parece, em absoluto, ser o aspecto importante.

Realmente importante deve parecer, isto sim, o fato de que no sentimento do proletário se tornou decisivo, para o ser humano integral, o que nas outras classes está ancorado apenas num único membro de sua vida anímica: o fundamento ideativo da concepção de vida. O que dessa maneira constitui realidade interior, no proletário, não pode ser reconhecido conscientemente por ele. Ele está impedido dessa constatação pelo fato de a vida ideativa lhe ter sido transmitida como ideologia. Na realidade, ele constrói sua vida sobre os pensamentos, porém os encara como ideologia irreal. Não se pode compreender a concepção proletária de vida, bem como sua realização pelas ações de seus portadores, senão distinguindo este fato em todas as suas implicações no âmbito da evolução recente da humanidade.

Pela maneira como a vida espiritual do proletariado moderno foi descrita acima, pode-se reconhecer que na exposição do verdadeiro caráter do movimento social-proletário a caracterização dessa vida espiritual deve aparecer em primeiro lugar; pois é essencial que o proletário perceba as causas de sua situação insatisfatória de vida, e também aspire à sua superação, de uma maneira que o sentimento e a aspiração recebam sua direção dessa vida espiritual. Atualmente, porém, ele ainda não pode senão adotar uma atitude de desprezo diante da afirmação de que nesses subterrâneos espirituais do movimento social reside algo que representa uma força propulsora significativa. Como poderia ele reconhecer que a vida espiritual tem o poder de impulsioná-lo, já que ele deve considerá-la como ideologia? De uma vida espiritual sentida dessa forma não se pode esperar que ofereça saída de uma situação social já insuportável. Para o proletário moderno, por sua mentalidade de orientação científica, não apenas a própria ciência, mas também a arte, a religião, a moral e o direito se tornarem partes integrantes da ideologia humana. Nestes ramos da vida cultural-espiritual, ele não vê nada de uma realidade que irrompesse em sua existência ou lhe pudesse acrescentar algo à sua vida material. Ele os considera apenas um reflexo ou espelhamento

dessa vida material. Por mais que, ao surgirem pela via do pensamento humano ou serem admitidos nos impulsos volitivos, eles retroajam de modo estruturador sobre a vida material, originalmente emergem dessa vida como figuras ideológicas. Não são eles que podem oferecer espontaneamente algo para sanar as dificuldades sociais. É só dentro dos próprios fatos materiais que poderá surgir algo capaz de conduzir à meta.

A vida espiritual moderna foi transmitida à população trabalhadora, pelas classes dirigentes da humanidade, de forma a poder sua força para a consciência dessa população. Ao se pensar nas forças capazes de trazer uma solução para a questão social, isto deve ser compreendido antes de mais nada. Se esse fato continuasse a atuar, a vida espiritual da humanidade estaria condenada à impotência diante das reivindicações sociais do presente e do futuro. De fato, uma grande parte do proletariado moderno está convencida da crença nessa impotência; e essa convicção é expressa com base nas declarações marxistas ou similares. Afirma-se que a vida econômica moderna desenvolveu a forma capitalista da atualidade partindo das formas antigas. Essa evolução colocou o proletariado numa situação insuportável perante o capital. A evolução prosseguirá; ela aniquilará o capitalismo mediante as forças que atuam nele próprio, e é da morte do capitalismo que advirá a libertação do proletariado. Esta convicção foi despojada, por alguns pensadores socialistas mais recentes, do caráter fatalista que assumiu para certo grupo de marxistas; mas o essencial também permaneceu. Isto se revela no fato de que, mesmo a quem atualmente quer pensar de maneira autenticamente socialista, não ocorreria dizer o seguinte: se em algum lugar surgir uma vida anímica que seja originária dos impulsos da época e enraizada numa realidade espiritual, sustentadora dos homens, é dela que poderá irradiar a força que também dá ao movimento social o impulso apropriado.

O fato de o homem atual obrigado a viver como proletário não poder nutrir tal expectativa, em relação à vida espiritual dessa atualidade, é que confere à sua alma a disposição fundamental. Ele necessita de uma vida espiritual da qual emane a força capaz de proporcionar-lhe a sensação de sua dignidade humana; pois ao ser inserido na ordem econômica capitalista da época mais recente, ele foi direcionado, junto com os mais profundos anseios de sua alma, para essa vida espiritual. Porém a vida espiritual que as classes dirigentes lhe transmitiram como ideologia esvaziou sua alma. O fato de, nas reivindicações do proletariado moderno, atuar o anseio por uma relação com uma vida espiritual diferente da que a ordem social atual pode lhe oferecer, é o que confere ao movimento social atual a força diretriz. Porém este fato não é compreendido corretamente nem pela parte não proletária da humanidade e nem pela proletária; pois a não proletária não padece do cunho ideológico que ela própria imprimiu à vida espiritual moderna. Já a parte proletária padece dele. Contudo, esse cunho ideológico da vida espiritual herdada por ela aniquilou-lhe a fé na força sustentadora do bem espiritual. É do correto discernimento deste fato que depende a descoberta de um caminho que possa conduzir à saída do labirinto da atual situação social da humanidade. Foi pela ordem social nascida sob a influência das

classes dirigentes, ao surgir a mais recente forma econômica, que foi fechado o acesso a esse caminho. Será preciso obter a força para abri-lo.

Nesse âmbito se chegará a um raciocínio diverso, a respeito do que hoje se pensa, quando se aprender a perceber corretamente o peso do seguinte fato: um convívio social que tenha a vida espiritual atuando como ideologia priva-se de uma das forças que capacitam o organismo social para a vida. O atual organismo está doente pela impotência da vida espiritual. E a doença é agravada pela negação em reconhecer sua existência. É pelo reconhecimento deste fato que se obterá uma base propícia para o desenvolvimento de um pensar adequado ao movimento social.

Atualmente, o proletário acredita estar se referindo a uma força fundamental de sua alma ao falar de sua consciência de classe. Porém a verdade é que desde seu atrelamento à ordem capitalista ele vem buscando uma vida espiritual que lhe dê consciência de sua dignidade humana; e que a vida espiritual sentida por ele ideologicamente não pode desenvolver-lhe essa consciência. Ele procurou por essa consciência, e substituiu o que não pôde encontrar pela consciência de classe nascida da vida econômica.

Sua visão foi simplesmente dirigida, como que por uma grande força sugestiva, para a vida econômica; e agora ele já não acredita existir em algum lugar, numa esfera espiritual ou anímica, um impulso para o que precisa surgir no âmbito do movimento social. Acredita que só pelo desenvolvimento da vida econômica despojada de espírito e de alma poderia ser produzida a condição que ele considera dignamente humana. Assim, foi forçado a buscar sua salvação apenas numa reestruturação da vida econômica. Foi forçado à opinião de que por uma simples reestruturação da vida econômica seria eliminado todo o dano causado pela empresa privada, pelo egoísmo do empregador individual e pela impossibilidade de este corresponder às exigências de dignidade humana que vivem no trabalhador. Foi assim que o proletário moderno chegou a ver a única salvação do organismo social na transferência de toda e qualquer propriedade privada dos meios de produção para a empresa comunitária ou até mesmo para a propriedade comum. Esta opinião surgiu do fato de se ter desviado o olhar de todo e qualquer elemento anímico e espiritual, focalizando somente o processo puramente económico.

Com isso se apresenta cheio de contradição tudo o que é inerente ao movimento proletário moderno. O proletário moderno acredita que é da economia, da própria vida econômica, que deveria desenvolver-se tudo o que, em última instância, lhe dará seu pleno direito humano. É pelo pleno direito humano que ele luta. Só que em suas aspirações desponta algo que jamais pode surgir apenas como consequência da vida econômica. Um fato significativo, profundamente eloquente, é que justamente no ponto central dos diversos aspectos da questão social reside algo, resultante das necessidades vitais da humanidade atual, que se acredita ter surgido da própria vida econômica, mas que nunca poderia ter-se originado unicamente dela; esse algo reside muito mais na linha de continuidade evolutiva que conduz desde a antiga escravatura, passando pela servidão no feudalismo, até o proletariado moderno. Por mais que se haja estruturado, para a vida moderna, a circulação de mercadorias

e da moeda, o conceito do capital, o conceito e a propriedade da terra, etc., o fato é que dentro dessa vida moderna se desenvolveu algo não expresso claramente, nem tampouco sentido conscientemente pelo proletário moderno, mas que constitui o verdadeiro impulso básico do seu querer social. É o seguinte: a moderna ordem econômica capitalista reconhece, no fundo, apenas a existência de mercadorias dentro de seu âmbito. Ela conhece a formação de valor dessas mercadorias dentro do organismo econômico. E, dentro do organismo capitalista da época moderna, transformou-se em mercadoria algo a respeito do qual o proletário, hoje, sente o seguinte: isso não pode ser mercadoria.

Quando se compreender que nos instintos e sentimentos subconscientes do proletário moderno reside, como um dos impulsos fundamentais de todo o movimento social do proletariado moderno, uma forte aversão ao fato de ele precisar vender sua força de trabalho ao empregador, tal qual se vendem mercadorias no mercado, uma aversão ao fato de sua força de trabalho no mercado de trabalho desempenhar o mesmo papel que desempenha uma mercadoria, segundo a oferta e a procura; quando se compreender o significado dessa aversão à mercadoria denominada 'força de trabalho no movimento social moderno, quando se observar de maneira totalmente imparcial que o que ali atua não é, tampouco, expresso profunda e radicalmente pelas teorias socialistas, então se terá encontrado, em adição ao primeiro impulso a vida espiritual sentida ideologicamente, o segundo impulso, do qual cabe dizer que hoje ele faz da questão social algo premente, palpitante. Na Antiguidade havia escravos. O homem inteiro era vendido como uma mercadoria. Uma parte menor do homem, mas que não deixa de ser uma parte do ser humano, era incorporada no processo econômico pela servidão. O capitalismo se tornou o poder que ainda imprime o caráter de mercadoria a uma parte restante do ser humano: a força de trabalho. Não quero dizer aqui que este fato não tenha sido percebido; ao contrário, na Vida social da atualidade ele é sentido como um fato fundamental. E sentido como algo de grande importância no movimento social moderno. Ao observá-lo, porém, dirige-se simplesmente o olhar para a vida econômica. Faz-se da questão sobre o 'caráter de mercadoria' uma questão meramente econômica. Acredita-se que da própria vida econômica deveriam advir as forças geradoras de uma situação pela qual o proletário não mais sentisse a integração de sua força de trabalho no organismo social como sendo indigna dele. Vê-se como a forma econômica moderna surgiu no desenvolvimento histórico mais recente da humanidade. Vê-se também que essa forma econômica imprimiu à força de trabalho o caráter de mercadoria. Porém não se vê como reside na própria vida econômica o fato de tudo o que ela abrange ter do transformar-se em mercadoria. É na produção e no consumo objetivo de bens que consiste a vida econômica. Não se pode despojar a força humana de trabalho de seu caráter de mercadoria nem encontrar a possibilidade de retirá-la do processo econômico. A pretensão não pode ser a de transformar o processo econômico para que nele a força humana de trabalho encontre seu justo lugar, e sim: como retirar a força humana de trabalho do processo econômico, a fim de deixá-la ser determinada por forças sociais que lhe retirem o caráter de mercadoria? O proletário anseia por uma situação da vida econômica em que sua força de trabalho assuma seu lugar apropriado. Ele anseia por isso porque não vê que o caráter de mercadoria de sua força de

trabalho decorre essencialmente de sua completa inclusão no processo econômico. É por ter de submeter sua força de trabalho a esse processo que ele é absorvido nele com todo o seu ser. Por seu próprio caráter, o processo econômico pretende consumir a força de trabalho da mesma forma objetiva como as demais mercadorias são consumidas nele, isso enquanto se deixar a seu critério a regulação da força de trabalho. Como que hipnotizadas pelo poder da vida econômica moderna, as pessoas só dirigem o olhar para o que pode atuar nela. Com esse enfoque, nunca se descobrirá como a força de trabalho não precisa mais ser mercadoria; pois uma forma econômica diferente só faria de maneira diferente essa força de trabalho tornar-se mercadoria. Não se poderá fazer da questão do trabalho, em seu verdadeiro caráter, uma parte da questão social enquanto não se perceber que, na vida econômica, a produção, a troca e o consumo de mercadorias acontecem segundo leis determinadas por interesses cujo raio de ação não deve estender-se à força humana de trabalho.

O pensar moderno não aprendeu a distinguir as maneiras inteiramente diversas pelas quais, por um lado, se integra na vida econômica aquilo que é ligado ao homem como força de trabalho, e, por outro, aquilo que segundo sua origem se movimenta, desconectado do homem, no caminho que as mercadorias devem tomar desde sua produção até seu consumo. Se de um lado o verdadeiro caráter da questão do trabalho se mostrará graças a uma mentalidade sadia nessa direção, de outro lado também se comprovará, graças a essa mentalidade, qual posição a vida econômica deve assumir num organismo social sadio.

Destas exposições já se percebe como a 'questão social se articula em três questões específicas. Mediante a primeira se indicará o caráter da vida espiritual no organismo social; mediante a segunda deverá ser observada a relação de trabalho em sua correta integração na vida comunitária; e em terceiro lugar poderá ficar evidente como a vida econômica deve atuar nessa vida.

1º capítulo do livro: Os pontos centrais da questão social - STEINER, Rudolf.